

# Criatividade e processo psicanalítico

Liana Pinto Chaves

Através de fragmentos de seu trabalho analítico, este artigo procura ilustrar o movimento de reparação que, segundo a perspectiva kleiniana, subjaz às manifestações da criatividade.

**F**ico sempre muito impressionada ao ver o tanto que as pessoas vivem insatisfeitas. Vejo isso o tempo todo no consultório e na vida em geral. Parece haver um pano de fundo constante que diz de um desconforto, de um mal estar, de uma contrariedade quanto à nossa produção, quanto a uma falta de expressão pessoal maior, que proporcione um sentimento de verdadeira satisfação com relação a uma aula dada, a um artigo, a uma expressão mais criativa e original das nossas personalidades.

Estamos sempre às voltas com nosso super-ego, sempre devendo, sempre acreditando que poderíamos ter feito mais, melhor ou mais cedo. A batalha para escrever teses e trabalhos é bem conhecida, para citar apenas um exemplo mais flagrante. Cada um de nós tem a sua própria versão particular disso. Outro exemplo, diverso, é a neurose de domingo tão antiga e tão

atual em que as pessoas se sentem tão aquém do que consideram desejável, acorrentadas à trivialidade da terra e ansiando por algo mais. Isso, para não falar em pesares maiores.

Essas impressões sempre me reenviam a *O Mal-Estar na Civilização*, meu texto favorito de Freud, seja porque me sinto tão compreendida por ele, seja porque é brilhante, seja porque proporciona um sentimento de integração com a teoria kleiniana. Este texto me propõe questões tão extraordinariamente simples e complicadas quanto: por que é tão difícil ser feliz?

Peter Gay assinala que durante toda a sua vida, o pensamento de Freud oscilou fecundamente entre a sim-

**Liana Pinto Chaves** é psicanalista, membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Este é uma versão ligeiramente modificada do texto apresentado no Colóquio "Acontecimento Estético na Clínica Psicanalítica", realizado em 1996 no Instituto Sedes Sapientiae.

plicidade e a complexidade. Homem e pensador maduro a essa altura (Freud estava com 63 anos na época), daí, talvez, o seu tom empático com a luta permanente dos homens para serem felizes. Qual é o propósito da vida humana é uma questão que nunca encontrou resposta satisfatória e, talvez, não admita uma. Mas Freud crê que o propósito das vidas dos homens seja o de serem felizes: "eles lutam pela

com as inevitáveis frustrações. Diz ele: "Obtemos o máximo se pudermos aumentar suficientemente o rendimento de prazer a partir de fontes de trabalho intelectual e psíquico. Quando isto acontece, o destino pode pouco contra nós. Uma satisfação deste tipo, tal como o deleite de um artista ao criar, em dar corpo a suas fantasias ou o de um cientista ao resolver problemas ou descobrir verdades, tem uma quali-

quer necessidade cultural clara dela. E no entanto, a civilização não poderia passar sem ela".

Além da necessidade da arte em geral como consolo e fonte de sustento, temos ainda necessidade de uma dimensão criativa na vida comum, que nos ajude a superar o mal estar produzido pela nossa limitação. Como resposta a uma das idéias sugeridas como proposta deste colóquio<sup>1</sup>, penso na criatividade expressa nas relações pessoais e na relação com o trabalho, no dia a dia, além de, obviamente, na nossa permanente relação com nosso próprio mundo interno. Dito em outras palavras, chegar a uma dimensão criativa na vida, requer liberdade interior, liberdade de pensamento e de expressão, riqueza de vida de fantasia, requer ter familiaridade com a própria loucura, estabelecer um *modus vivendi* amigável e produtivo com o super-ego, ser capaz de fruição e uma relação densa, emocionada e prazerosa com a vida. Isso se expressaria na psicocriatividade da vida cotidiana, nos desvãos e entremeada com a psicopatologia da vida cotidiana.

**P**enso na criatividade expressa nas relações pessoais, com o trabalho, e com o próprio mundo interno - o que se expressaria na psicocriatividade da vida cotidiana, nos desvãos e entremeados com a psicopatologia da vida cotidiana.

Os filmes *Fanny e Alexander*, de Ingmar Bergman, e *A Festa de Babette*, de Gabriel Axel, tornaram-se para mim uma referência pessoal quando penso nesses termos e procuro uma imagem. A festa de Natal de Fanny e Alexander e o jantar de Babette encerram um composto de beleza, graça, um erotismo refinado, prazer e espiritualidade. Em particular na Festa de Babette, o auge é o jantar e a transformação operada naquelas pessoas de início tão aterradas, habitando um mundo esquizo-paranóide estreito e escuro, embrutecidas pela neurose, pela ignorância, pela mesquinhhez de seus universos mentais. Ao longo da noite elas vão se humanizando, seus semblantes se iluminando pela ação da beleza, da generosidade, pelo convite à vida através de uma boa comida e de bons vinhos, que as eleva. Chegam até a

felicidade; querem se tornar felizes e manterem-se assim". Descreve, então, tudo o que se opõe a isso, o choque entre o processo civilizatório e o desenvolvimento libidinal do indivíduo, fala da agressividade ("homem lobo do homem"), da solução de abdicar da agressividade em troca da segurança, do sentimento de culpa, da pulsão de morte. Faz um inventário saboroso das várias estratégias utilizadas para se alcançar a felicidade ou se manter a miséria à distância. E fala da sublimação, como a forma superior de nos havermos

idade especial... tais satisfações parecem 'mais refinadas e superiores". Mas, e neste assunto há sempre muitos más, não escapamos de pagar um custo. Mas também há compensações, e profundas. Uma delas é o prazer estético, a fruição da beleza, o consolo propiciado pela arte, para essa nossa condição de incompletude e alienação, embora não seja garantia contra a ameaça do sofrimento. Diz Freud: "A fruição da beleza tem uma qualidade de sentimento curiosa, ligeiramente intoxicante. A beleza não tem qualquer uso óbvio; nem existe qual-

ficar bonitas e inteligentes, iluminadas por essa luz que vem de uma experiência genuína de satisfação profunda.

A noção de sublimação, ainda que presente ao longo de toda a obra de Freud e muito extensamente utilizada no pensamento psicanalítico em geral, não chegou a alcançar uma teorização mais abrangente e integrada. Os exemplos mais comuns de sublimação são a criação

cobriria também atividades adaptativas (trabalho, lazer)?

Melanie Klein, desde o início do seu envolvimento com a psicanálise, se interessou pela inibição do brincar, inibição da aprendizagem, do funcionamento intelectual, da capacidade de simbolização. Esse foi o seu ponto de partida. Ao ver uma criança tolhida perguntava-se: por que essa criança não brinca tanto quanto poderia estar brin-

tro a consideração pelo objeto. Implica, entre inúmeras outras coisas, em abdicar de uma onipotência de pensamento em prol de uma subordinação à realidade da dependência de um objeto.

A elaboração da posição depressiva, posição central no desenvolvimento infantil, tarefa máxima na construção do psiquismo e tarefa da vida inteira, e a elaboração da situação edípica encontram-se indissoluvelmente ligados e por vezes se confundem. A capacidade de reparar o dano causado por nossa agressividade aos objetos amados, recriá-los e reinstaurá-los internamente leva ao sentimento de conter objetos inteiros e vivos, a relações de objeto internas e externas mais ricas, a uma maior compreensão da realidade psíquica e melhor compreensão do mundo externo, a uma familiaridade com o pesar, a culpa, o medo da perda e a responsabilidade psíquica pelo que é nosso. É uma penosa e acidentada construção, essa do universo da posição depressiva.

A criatividade *latu sensu* é fruto desse processo. Culpa, luto, reparação e recriação. A premência de fazer reparação, própria do modo de ser da posição depressiva é a base de toda sublimação e criatividade.

Aquilo que Melanie Klein descreveu de forma tão pungente como o *pinning*, o anseio pelo objeto bom perdido, é o motor de todo o desenvolvimento e de uma maior riqueza psíquica, de uma qualidade emocional vívida. A criatividade está ligada ao luto pela perda do objeto interno amado e à sua restauração; ao amor pelo objeto interno e à confiança nele. Reciprocamente, isso implica na nossa própria capacidade de amar e nos proporciona o sentimento de ter um núcleo amoroso em nossa personalidade.

A reparação é o elemento mais forte dos impulsos construtivos e criativos. O conceito vai desde as

**A** criatividade *latu sensu* é fruto do processo de culpa, luto, reparação e recriação. A premência de reparação, própria da posição depressiva, é a base de toda a sublimação e criatividade.

artística e intelectual ou conquistas especialmente valorizadas por uma dada sociedade; atividades humanas que não têm uma conexão evidente com a sexualidade, mas que, se presume, sejam motivadas pela força da pulsão sexual, desviada para um outro alvo, não sexual.

Segundo Laplanche e Pontalis, o universo das atividades sublimadas é mal demarcado. Problematicam essa afirmação por meio de várias perguntas: sublimação se aplicaria a todo trabalho que envolve o pensamento ou apenas os certos tipos de produção intelectual? Seria o alto valor ético ou estético que conferiria o caráter fundamental da sublimação? Ou a sublimação

cando? E até o fim de sua vida, ela mantém-se afirmando que a superficialidade é uma forma de doença mental. Concebia a inibição intelectual como fruto do sadismo das fantasias da criança que levava a uma frustração das investigações sobre a sexualidade e, assim, a um embotamento da curiosidade em geral.

A passagem da posição esquizo-paranóide para a posição depressiva constitui um ponto de inflexão fundamental na evolução do sujeito; significa trocar de visão, passar de uma ótica em que o ego é o centro de todas as considerações (boas e más), em que tudo se passa por referência a ele, para uma ótica muito diversa, que tem como cen-

tentativas pré-posição depressiva (reparação maníaca, reparação obsessiva) até a reparação propriamente dita, específica da posição depressiva. É desta última modalidade que decorrem a capacidade crescente de representação, de formação de símbolos e de mais sublimações, em níveis crescentes de abstração. À medida que Melanie Klein desenvolveu sua própria teorização, foi deixando de lado o conceito de sublimação, ao passo que o de reparação ia ganhando relevo até se tornar a pedra angular sobre a qual repousa a elaboração da posição depressiva. De uma certa forma, reparação engloba o conceito de sublimação. Ela é fruto da fantasia de consertar os efeitos dos componentes agressivos e é resultante da confluência de impulsos opostos, mais do que um deslocamento de um impulso para algum outro fim socialmente aceitável.

Pretendo agora apresentar um material clínico que, espero, ilustre alguns pontos ligados à questão da criatividade, expressa nos termos por mim referidos, em particular por uma expansão da vida de fantasia, um ganho na capacidade de representação e de expressão.

Temo que não seja uma vinhetazinha; é um bom trecho de material clínico. Espero conseguir transmitir um tanto da atmosfera desse relacionamento.

Trata-se de um rapaz, atualmente com 20 anos de idade, em análise há um ano e meio, portanto, com dezoito e meio quando me procurou. É uma pessoa gentil, urbana, inteligente, bom aluno, bom filho, trabalhador, responsável. Veio por insistência da mãe.

Havia por parte dele uma disposição consciente de se analisar, mas um clima de grande tensão educada na sala e um constrangimento forte nos silêncios, que o levavam a querer "aproveitar" cada minuto, tentando produzir material adequado. Tenso e pouco espontâneo, ele também me deixava assim.

Com 18 anos, vinha de terno, parecia um pequeno soldado, passava uma sensação de estar enfaixado. Aceitou os termos e o divã. Obediência e conformidade?

Ele entende muito de computação. Contou-me inicialmente do que chamava de rotina ao usar o computador, os passos a serem da-

À medida que Melanie Klein foi desenvolvendo sua teorização, foi deixando de lado o conceito de sublimação para dar relevo ao de reparação, pedra angular da elaboração da posição depressiva.

dos de cada vez. Procurava também, naturalmente, uma rotina comigo e ficava examinando qual seria a mais eficaz: falar tudo o que lhe vinha à cabeça, relatar sonhos sempre que houvesse, contar todos os atos falhos, o que pensava ao vir para a sessão, o que pensava na sala de espera, depois ao entrar, etc.

Mas narrava-me também que padecia de súbitos mal estares e constrangimentos com a namorada; e isso caía muito mal porque lhe parecia algo descabido, inexplicável, já que gostava dela. Isso era um vislumbre de um inconsciente obscuro e ameaçador, inteiramente desconhecido para ele, pressentido como um inimigo astuto e dissimulado. Temia alguma revelação insu-

portável a seu próprio respeito.

À medida que a análise transcorria, fomos tratando da sua necessidade de manter um controle estrito, sua racionalização, intelectualização, o uso do terno foi explorado, etc. Paralelamente, o que mais me chamava a atenção era a opulência dos seus sonhos, aventurecos, movimentadíssimos, uma vida pulsional riquíssima, que contrastava de modo tão flagrante com o seu jeito travado. Viajávamos por céus e mares. Um grande conjunto deles era com barcos e mares variados; ele conduzindo barquinhos e transatlânticos, caindo na água e voltando para seu interior. Parecia um argonauta, um jovem Ulisses em seu périplo.

Um dia ele atinou com algo que me pareceu da ordem de um *insight*, numa oportunidade em que devíamos provavelmente estar falando dessas imagens poderosas e da sua necessidade de manter o controle. Ele me disse: "Ah, o meu racional agora me diz que a coisa mais racional a fazer é ser irracional."

Explorou-me em versões variadas, mas todas de uma mulher que o ajudava a crescer, a ser melhor, a se superar, sempre formadora e bem intencionada. Já fui professora e cientista. Nessa linha, discutimos muito sobre metodologia, ciência e não ciência, subjetividade, etc. Sou também "a tia". Há uma ala da família (a nova família do pai, após o divórcio) contra a análise e que a ridiculariza muito. Costumam dizer: "Já vai na tia? E o que a tia acha disso? A tia deve gostar muito de você, com tudo o que você paga a ela." Com o tempo ele mesmo adotou a nomenclatura e se pilhava se referindo a mim dessa forma em família.

Ultimamente tem feito distinções entre o que chama Liana-pessoa e Liana-instituição. Escolhi uma seqüência de três sessões recentes de uma dada semana. Trata-se a meu ver de um momento de síntese desta análise, espero que um den-

tre muitos, e de convergência de uma grande quantidade de sonhos e outros acontecidos analíticos anteriores, e que se deu em torno de um sonho. É um desses momentos em que as associações a um sonho são vários outros sonhos e em que se tem o sentimento de alguma integração, através de uma rede de ligações.

**E**ste fragmento de caso clínico trata de um momento de síntese; as associações para um sonho são vários outros sonhos, despertando um sentimento de integração, através da rede de associações.

## Sessão de segunda feira

Sonho: "Eu estava deitado na sessão e dormia. Aí você vinha e deitava comigo. Eu meio que acordava, me mexia, você me acalmava e dizia: eu estou deitando. Aí na hora de acordar, você perdia a hora e já eram seis horas da manhã."

O relato do sonho foi neutro, sem surpresa ou trepidação na voz, no seu tom colaborador habitual de me passar a sua mais recente produção psíquica. Como associação, ele se lembrou de um trecho da novela de sábado, em que um namorado pula uma janela e vai dormir com a namorada e acaba se des-

cuidando e dormindo até as oito da manhã. Contou que havia sido um fim de semana calmo, ele e a namorada fizeram uma visita de surpresa à mãe dele; com o pai e a madrasta também foi gostoso, de modo geral estava tudo em paz. Como já tinha dormido em outros sonhos anteriores, já era permitido (referência a alguns sonhos em que sua sessão de análise se dava com ele dormindo e eu trabalhando). Perder a hora só era ruim no sentido de não poder dormir mais, pois iria para casa e às 6:30 já teria que acordar para ir para a faculdade.

Aí contou que ele, a namorada e uma amiga da namorada pretendiam ir a uma festa numa cidade do interior e que a amiga só tinha conseguido um único quarto no hotel para os três. A namorada ficou na dúvida, consultou-o e ele teria dito brincando: "Ah, vamos lá, a gente dorme tudo na mesma cama." A namorada teve um sonho em que ele a traía com a amiga e ficou muito mal. Aí ele disse que deu uma de analista e inventou uma interpretação, algo como: ele, paciente, era o pai dela, a amiga era a mulher atual do pai, etc. "Teu pai te trai porque te troca pela atual mulher dele. Dava tudo certinho." Ele parecia bastante satisfeito com o seu desempenho.

No vai e vem da sessão, eu disse que ele procurava apresentar a situação do sonho como a coisa mais natural deste mundo, normal. Havia a questão da minha perda de controle. Era minha porque competia a mim cuidar do tempo. Ele lembrou de uma vez em que eu terminei a sessão cinco minutos mais cedo, "sem querer", e de uma outra em que eu o atendi uns dois minutos adiantado, episódios que acabaram por se revelar para ele surpreendentemente ricos. Ele entendia que enfrentar uma situação constrangedora (esse tipo de sonho) era um avanço, pois "trazia sentimentos à flor da pele".

Ambos nos lembramos em momentos diferentes da sessão de so-

nhos anteriores. Um deles era que a sessão se passava no carro dele; ele ia guiando, me mostrando vários lugares significativos, e eu ia no banco de trás. Nesse caso ele conduzia em todos os sentidos e mantinha o domínio da situação. Em um outro sonho, ele voava sobre uma pranchinha muito estreita, uma espécie de *skate*, e tinha muita dificuldade para manter o equilíbrio.

O clima da sessão, a essas alturas, era de uma certa excitação pela grande quantidade de imagens e ligações e ele, então, disse, com alguma ansiedade, que estava sentindo tudo meio solto. Eu disse que ele gostaria muito que eu inventasse uma interpretação psicanalítica que encaixasse tudo de volta aos seus lugares e restaurasse a ordem, que ele estava começando a navegar por águas complicadas e o divã estava virando um barco pouco seguro. Que ele esperava se equilibrar no seu *skate* e que eu fosse capaz de manter o meu equilíbrio na poltrona.

Ele achou graça na comparação do divã com um barco e disse: "Já pensou se um dia eu cair mesmo prá fora do divã, no chão?"

Eu lhe disse que nesse momento o perigo maior, mais imediato, parecia vir da perda de controle do meu lado e eu aparecer sob uma luz inteiramente diversa de até então: como uma mulher que vai para a cama com ele. Ele resume meus esforços dizendo que compreendia, que eu estava introduzindo um novo tema: "sexualidade na análise". Eu digo que essa idéia o tranquiliza, me recoloca novamente bem sentada na poltrona, ajudando-o a preparar mais um capítulo e que ele tinha vontade de poder encerrar este assunto.

Ele conta, então, de uma brincadeira que a namorada fez outro dia com ele. Ela desenhava um parêntese e ele não podia ver um parêntese aberto e compulsivamente desenhava o outro que o fechava; fizeram isso umas quinhentas vezes.

## Sessão de terça-feira

Sonho: "Eu ia para o escritório, mas estava tudo diferente. Haviam tirado as cortinas bege e substituído por outras pretas. Tiraram o carpete e ficou só o piso."

Disse que essa mudança era muito desconfortável, pois ele estava acostumado a ir lá todos os dias: "foi a gente que projetou tudo, to-

não era melhor. Ela produzia aversão, mal estar. Ele concorda, diz que sim, que parecia que as coisas estavam saindo do controle. Acrescenta que o piso original na realidade era de cimento cru e que eles forraram com carpete, e no sonho era brilhante, uma pedra fria polida.

Eu digo que parecia uma funerária.

Ele diz que não era tão horren-

pensou que o jeito como as coisas se davam aqui envolvia um contato pessoal mínimo, só na entrada e na saída e já é assim para não ter nenhum risco de relacionamento entre a gente, de afeto, etc. Voltamos, então, ao sonho do dia anterior. A situação foi sendo caracterizada como perda de controle minha, pois segundo ele, "ele estava nas minhas mãos". Falamos de um sonho antigo seu em que ele ia mexer na toca de uma urso polar toda branca, de lá saía um filhote redondinho, fofo, clima de desenho de Walt Disney. E a urso saía enfurecida atrás dele. Comparado a esse sonho, que parecia desenho animado, coisa de criança, os de agora estavam ficando mais barra pesada, caminhando para uma perseguição em ambientes fechados.

Ele diz que está vindo aqui há um ano e meio e a coisa vai ficando mais ambígua. Pensou em mim como a Liana boa amiga e que a cada dia que passava havia uma probabilidade menor de eu o trair. Por outro lado, abrir-se mais, avançar, causava muitas angústias. Nesse momento, ele estava um pouco exaltado e comovido com a descoberta. Voltamos a falar daquela imagem de ele se equilibrando no divã e o que aconteceria se caísse dele, que ontem souu engraçada, mas que hoje parecia como levar um tombo, cair do cavalo. E conversamos sobre o que é que faz desequilibrar o equilíbrio que ele está o tempo todo empenhado em manter. Ele mesmo recupera aquela sua frase de muitos meses atrás ("o meu racional me diz", etc) e diz que o racional está no time do controle, do equilíbrio, e o irracional está no time de perder o controle, aparecer sentimentos inesperados. Se ele perder o controle, ele terá um avanço, mas também angústia. "Tem custos, mas vamos avançar que com os custos eu lido." Dá uma risadinha (seu trabalho tem a ver com custos).

Diz que saiu da sessão do dia anterior muito perturbado e que "foi

**P**ara este paciente era desconfortável falar da mudança, da transformação: isto produzia aversão, mal-estar - como se as coisas estivessem saindo de controle.

dos os detalhes, onde é que guardava as coisas, a cor, tudo." Disse que ao vir para a sessão hoje pensou no que iria falar e imaginou que seria o de sempre (namorada, pai) e que sentiu uma resistência, que falar disso seria mexer com os fundamentos dele.

Eu digo que o lugar que tinha ficado tão diferente era aqui, o meu consultório, um lugar a que ele estava tão acostumado, que ele havia projetado para ser do jeito que o fizesse sentir melhor. E que a escolha de assuntos hoje não estava fácil, era sair de um e cair em outro; falar da transformação operada aqui

do assim, que havia pessoas lá, que tinha uma fresta na cortina que deixava entrar um pouco de luz. No sonho ele sai do elevador e entra direto na sala, sendo que lá existe uma ante-sala e no meu consultório também tem uma pequena sala de espera que dá para a sala de atendimento.

Digo-lhe que ele sentiu que eu me aproximei demais dele e quando isso acontecia, eu me tornava uma pessoa perigosa.

Ele se sentiu lançado num lugar muito opressivo, árido, duro, frio, escuro.

Diz que ao ir embora ontem

viver a sua vida" e que aquilo que o intrigava mais do que tudo era ter esses pensamentos todos em paralelo (isto é, pensar e vivenciar todas essas coisas da análise e continuar trabalhando).

## Sessão de sexta-feira

Entra com a expressão muito

**E**m resumo, o paciente estaria invocando otimismo para manter sua motivação no difícil trabalho de conjugar inteligência, emoção e impulsos - coisas que o angustiavam.

fechada. Conta que teve um sonho muito nítido de quarta para quinta-feira e que hoje, quando vinha para a sessão, pensou que era bom ter o que dizer, não ser pego de surpresa, desguarnecido.

Sonho: "Era meio promíscuo. Eu ia numa casa de prostituição com vários amigos meus. Estavam lá aquelas mulheres todas. Um amigo meu pegou uma moça que era uma ex-namorada minha. Eu achei chato. Aí eu vou para um outro quarto e a mulher com quem eu vou estar é a Fulana (a namorada dele). Nós dois somos pegos: ela por ser uma prostituta e eu por estar numa casa de prostituição."

Comenta que foi um sonho muito ruim, desagradável. Na quarta à noite, saiu com dois amigos antigos que não via há muito e ficaram lembrando diversas passagens. De quinta para sexta-feira, teve um outro sonho: "Meu pai e a Liane (a madrastra, seu nome não é esse, mas é uma variante bem próxima do meu) estavam num quarto e eu ia lá me despedir deles e a Liane me chamava de filho no sonho e era bom."

Conta que agora está num bom período com a madrastra. Lembra de um homem que chama os sogros de pai e mãe. Fala de um artigo que leu e que passou para o pai (que é contra análise) sobre inteligência emocional e impulsos; pergunta se eu o conhecia. Gostou de uma frase do artigo: o otimismo é a base da motivação.

Resumo, então, o que nós conversamos. Eu lhe disse que ele estava invocando um otimismo para manter sua motivação neste trabalho difícil, que haveria de ser possível conjugar inteligência, emoção e impulsos, que eu, como pai, o ajudasse com tudo isso. Digo, ainda, que os acontecimentos desta semana foram perturbadores; ele sentiu que sujou, que ambos ficamos degradados, que a análise virou um bordel, eu uma prostituta que atende muitos clientes e ele um usuário de prostituta. E que agora ele queria por ordem nessa bagunça para o fim de semana: cada um na sua, na sua casa, na sua cama, na sua relação, na sua geração. Quer se despedir bem de mim, quer voltar a se dar bem comigo novamente, deixando-me com meu marido, com o pai. Ele diz que o trabalho aqui é ir contra a maré dos sentimentos, que a tendência natural de uma pessoa, o mais gostoso, é estar tranqüilo, sem angústias, sem perturbação. "É a minha vontade, o meu desejo. O trabalho aqui é de ficar angustiado."

Quando saiu, havia duas manchas de suor no divã na altura das axilas.

## Fim do material clínico

Como eu disse, este é um fragmento da análise de um rapaz urbano. *Urbis et orbis*. Estamos abrindo trilhas para a *orbis*. Espero que eu tenha conseguido passar no meu relato a expansão do seu mundo mental nesse ano e meio de análise. Este rapaz, ainda que inteligente, com muitíssimas qualidades, sem análise provavelmente seria uma pessoa limitada na sua expressividade afetiva e no alcance da sua plena potência intelectual. Ele não pode ser "acusado" de não ter curiosidade intelectual, mas tinha uma tendência defensiva a se manter naquilo que já era estabelecido, mais convencional e sentia ansiedade sempre que se afastava do senso comum. Uma maior espontaneidade, um estar mais à vontade consigo próprio, não é pouca coisa; são, ao contrário, coisas delicadíssimas e conquistas analíticas.

O caso apresentado não contém nada de extraordinário que já não conheçamos. Não há interpretações sofisticadas ou originalíssimas. Eu diria que é um caso clássico de um adolescente tornando-se homem, dentro de uma situação edípica reconhecível e acessível. Justamente por ter essas características é que me pareceu prestar-se a ilustrar de uma forma simples esse universo amplo que se abre no mergulho analítico, através dos pontos por mim destacados: uma maior fluência na atividade de fantasiar, de gerar representações e na capacidade de simbolização, a possibilidade de ter pensamentos anteriormente impensáveis. O mal-estar, todo o não dito, vai aos poucos ganhando representação, tornando-se assim compartilhável. ■